



Banco de sementes comunitário e biodiversidade agrícola no Quilombo da Lapinha em Matias Cardoso - MG

Seed bank and agricultural biodiversity in Quilombo da Lapinha, Matias Cardoso - MG

CARDOSO, Maria Emanuelle Guedes¹; OLIVEIRA, Clara Mata Sena de²; SOUZA, Thaís Pereira dos Santos³; THÉ, Ana Paula Glinfskoi⁴; FANTINI, Isabela Fernandes⁵; DIAS, Alice Meire Silva⁶.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, marimiriam.53@gmail.com; ² Universidade Estadual de Montes Claros, clarasmoliveira@gmail.com; ³ Universidade Estadual de Montes Claros, thaissociais21@gmail.com; ⁴ Universidade Estadual de Montes Claros, anapgthe@gmail.com; ⁵ Universidade Estadual de Montes Claros isabellaffantini@gmail.com; ⁶ Universidade Estadual de Montes Claros, adias2972@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e Bens Comuns das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: As populações tradicionais, através de seus modos de vida, são responsáveis pela gestão e manutenção da diversidade agrícola. O objetivo do trabalho é reconhecer a utilização de sementes crioulas como meio de atingir segurança alimentar e nutricional na comunidade vazanteira do Quilombo da Lapinha em Matias Cardoso-MG, e suas possíveis contribuições para a conservação da agrobiodiversidade. As informações foram coletadas através de revisão bibliográfica, aplicação de entrevistas livres e semiestruturadas junto aos agricultores, fazendo uso da técnica de amostragem bola de neve. As dinâmicas de troca dos propágulos acontecem através do abastecimento do banco comunitário pelos agricultores, em garrafas pet de dois litros. Em sua colheita, o agricultor reabastece o banco com duas garrafas para suprir a unidade retirada e manter o estoque. A dinâmica é interessante por possibilitar a captura de diferentes momentos evolutivos e assegurar a soberania alimentar através da autogestão. De acordo com os entrevistados, os milhos de origem crioula já eram cultivados pela comunidade, e suas diferenças dos cultivares industriais já eram conhecidos pelos agricultores, sendo responsáveis por promover cultivares mais resistentes, de maior qualidade e potencial nutritivo e promotor de saúde humana e ambiental.

Palavras-chave: agrobiodiversidade; conhecimento ecológico local; saberes alimentares; populações tradicionais.

Introdução

As sementes crioulas são designadas pela Lei de Sementes e Mudas - Lei N° 10.711/2003, Art. 2°, XVI, como sementes de variedade local ou tradicional, tratando de variações selecionadas, manejadas, conservadas por comunidades agrícolas tradicionais, sendo caracterizadas por sua adaptação às especificidades culturais e geográficas da localidade de plantio (CAMPOS, SOGLIO, 2020). Essas sementes se caracterizam por serem fruto de um processo histórico de trabalho coevolutivo do ser humano e das espécies vegetais, sendo mantidas através da ação de guardiões das sementes, especialmente as mulheres (PELWING, FRANK e BARROS, 2008),



como forma de promover cultivares diversos e resistentes às pragas e doenças e a outras alterações socioambientais (SIQUEROLI, et. al. 2020).

No Brasil, transformações decorrentes da Revolução Verde levaram a modernização da agricultura, com incremento de "pacotes tecnológicos" referentes à insumos químicos e sementes comerciais híbridas e transgênicas, além do uso de agrotóxicos (CAMPOS, SOGLIO, 2020). Além disso, ocorre a mercantilização das sementes e a mecanização das paisagens rurais através da transformação de agroecossistemas em monocultivos de estreita base genética (PELWING, FRANK e BARROS, 2008), focados principalmente na produção de commodities. O objetivo principal do trabalho é efetuar o mapeamento da utilização de sementes crioulas para a manutenção da agrobiodiversidade, percebendo a contribuição do seu uso para a conservação da biodiversidade. Ademais, identificar os usos e saberes como alternativa para assegurar a segurança alimentar e nutricional das Populações Tradicionais.

Metodologia

Coleta de dados

As informações relacionadas ao manejo e conservação das sementes crioulas foram coletadas através de uma saída de campo realizada em outubro de 2022, onde foram aplicadas entrevistas livres e semiestruturadas aos agricultores e agricultoras, fazendo uso da técnica de amostragem bola de neve, em que as redes de referência e relacionamento locais são aproveitadas para a coleta de dados (VINUTO, 2014). Na observação participante, o pesquisador se envolve nas práticas do dia a dia dos entrevistados (ABIB, HOPPEN, JUNIOR, 2013) levanta memórias sobre as práticas de manejo do passado e do presente, os conhecimentos ecológicos locais, as regras de utilização comunitárias, a diversidade dos sistemas agrícolas e os métodos de conservação ambiental.

Área de estudo

A área de estudo se localiza no município semiárido de Matias Cardoso (Figura 1), no extremo Norte de Minas Gerais ($14^{\circ} 51' 33''$ S, $43^{\circ} 38' 20''$ O), com população estimada de 8.895 pessoas (IBGE, 2022). O tipo fisionômico florestal é o da Mata Seca, e o clima da região é classificado como tropical com estação seca. O grupo pesquisado trata-se da comunidade vazanteira do quilombo da Lapinha, que se localiza na margem direita do Rio São Francisco, na baixada sanfranciscana (ALMEIDA, et al. 2018). É composto por cerca de cento e sessenta famílias, das comunidades de Vargem da Manga, Saco, Ocupação São Francisco, Ilha da Ressaca, Quilombo da Lapinha, Pau Preto e Pau de Légua. São reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, registradas no livro de cadastro geral número 003, registro número 232, folha 38. O certificado foi emitido em 02 de junho de 2005 (CEDEFES, 2010).

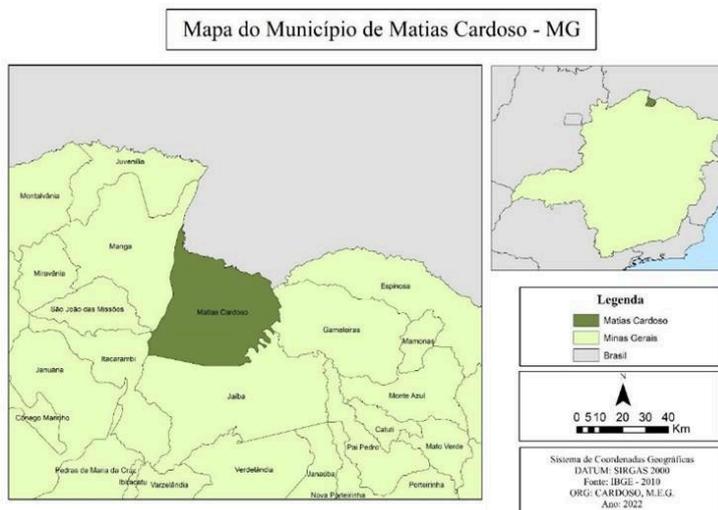


Figura 1. Mapa de localização do Município de Matias Cardoso. Maria Emanuelle Guedes Cardoso.

Resultados e Discussão

No quilombo da Lapinha, as sementes crioulas ficam armazenadas em banco de sementes instituído pelo CAA (Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas) em 2018 em uma iniciativa que buscava o resgate do manejo de cultivares de origem crioula. Os bancos de sementes (Figura 2) podem funcionar como repositórios da informação genética e do conhecimento ecológico local associado, onde as culturas adaptadas aos locais de cultivo são mais facilmente manejadas pelos agricultores. O Propágulo mais abundante no banco é o do milho crioulo, sendo que sementes da abóbora sequeira e do feijão-de-arranca e feijão-catador estão presentes em menor quantidade, sendo mais expressivas nos estoques pessoais dos agricultores. Dessa forma, há a otimização da fonte de recursos, diminuindo a vulnerabilidade destes frente a situações ambientais adversas (SANTOS et al., 2011), assegurando desse modo a independência da comunidade em questão e sua consequente soberania alimentar. A sustentabilidade do sistema se dá através de um sistema de trocas, assim relatado pela entrevistada A:

O projeto do banco de sementes veio do CAA. É... eles fez um projeto para capturar as sementes crioulas da região. Sobre os milhos que a gente plantava antigamente, que não era um milho híbrido, um milho comum, né, ele é um milho mais prático para dar para o porco comer, o milho que galinha gosta, o milho comum nem galinha nem o porco gosta de comer por que é muito duro. Tão capturando todo tipo de semente, semente de milho, semente de feijão, semente de abóbora, melancia porque esses outros são todos híbridos abobrinha é...é... japonesa ela é , se a gente planta ela aqui e não semeia é... adubo nela ou então produto químico, ela não dá normal, ela fica pequenininha e amarelinha, então ela só dá com muita química e nós... aprendeu a plantar mais orgânico do que com química, nós não usa coisa... agrotóxico nas plantas, a gente usa é tudo orgânico o que a gente produz, a gente usa folha de ninho, água sanitária que a gente bate nos canteiro para



tirar os pulgão, urina de vaca, né. Meu marido fez um curso lá no CAA lá ne Montes Claros, ele sabe usar os produtos tudo pronto, só não tem pronto né. O pessoal pega uma garrafa de milho um litro né daquele de dois litros e quando for na colheita paga dois: devolve o que pegou e mais um para poder fortalecer a banca, para ano outro ano ele ter semente ou... se ele colheu bastante ele tem na casa dele guardado se não tiver, ele vai na banca e pega do que ele guardou (ENTREVISTADA A, 2022).



Figura 2. Armazenamento das sementes crioulas em banco de sementes instituído pelo CAA. Fonte: Maria Emanuelle Guedes Cardoso.

Os milhos de origem crioula já eram cultivados pela comunidade, de acordo com relatos dos entrevistados e suas diferenças dos cultivares industriais já eram conhecidos pelos agricultores, como aponta a entrevistada A:

[...] só que assim eu comprei não foi nem para.. juntar semente eu comprei por que era um milho que meu pai comprava minha mãe, né minha sogra, meu sogro tudo plantava desse milho antigamente é um milho mais grande, mais mole, e... e não é e não é igual esse que para plantar ele cê tem que ter adubo para jogar. jogar ureia, jogar isso, jogar aquilo, e esse não, cê planta ele e pronto foi embora. (...) Ele não é igual esse outro que não cresce não, ele cresce de um tamanho enorme, né e o milho é bem mais fofinho, mais macio não é igual esse que a gente compra não, híbrido não. Ai a gente deu essa fortalecida ai e não deixa faltar semente mais não (ENTREVISTADA A, 2022).

Conclusões

As sementes crioulas utilizadas, em conjunto com a riqueza cultural e etnobotânica, atuam como ferramentas potentes para o alcance de práticas agroecológicas (PELWING, FRANK, BARROS 2008), sustentáveis em âmbito socioambiental e capazes de assegurar a conservação da agrobiodiversidade e dos saberes



associados, promovendo alimento bom, justo e limpo para a soberania alimentar e nutricional das comunidades tradicionais. A dinâmica de troca e substituição dos propágulos permite a captura de diferentes momentos genéticos, uma das principais preocupações no banco de conservação ex situ. A utilização de variedades crioulas auxilia ainda no resgate das práticas agrícolas camponesas tradicionais, através de um sistema de banco comunitário de sementes, onde todos os agricultores têm seu repositório e assessoria técnica para o combate de pragas de maneira natural, onde insumos de ordem química não são necessários e a saúde humana, animal e ambiental são assegurados.

Agradecimentos

Agradecimentos à Fapemig, pelo financiamento do projeto APQ 02591/17: Saberes Tradicionais no Médio São Francisco - MG.

Referências bibliográficas

Abib G, Hoppen N, Hayashi Junior P. Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. Rev adm empres [Internet]. 2013Nov;53(6):604–16. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020130608>

Campos, Michele. L. de; Dal Soglio, Fábio K. Creole seeds and power relations in agriculture: Interfaces between Biopower and social agency. Ambiente Sociedade, 23, e02422. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180242r2vu2020L5AO>

CEDEFES, Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Comunidade da Lapinha. [S. l.], 25 ago. 2010. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/comunidade-de-lapinha/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo demográfico de 2021.

Pelwing, Andréia B.; Frank, Lúcia B.; Barros, Ingrid I. B. Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. Revista De Economia E Sociologia Rural, 46, 391–420. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000200005>

Santos, Amaury S.; Silva, Emanuel D.; Marini, Fillipe S.; Silva, Maria José R.; Francisco, Priscila S.; VIEIRA, Tiago T.; Curado, Fernando F. Rede de banco de sementes comunitários como estratégia para conservação da agrobiodiversidade no estado da Paraíba. In: II Congresso Brasileiro de Recursos Genéticos, 2012, Belém-PA. Anais, 2012. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/75184/1/1782.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Siquierolil, A. C. S. ; Martins, M. P. do C.; Pena, D. M. P. ; Silva, A. de A. Sementes crioulas: a independência e resistência dos agricultores familiares e assentados da



reforma agrária. Revista Em Extensão, Uberlândia, p. 12–22, 2020. DOI:10.14393/REE-2020-54366. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/54366>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 10 jul. 2023.